

A História dos Eqüinos na Amazônia: Ênfase ao cavalo marajoara

Maria Rosa Travassos da R. Costa¹

¹Pesquisadora Embrapa Amazônia Oriental-Travessa Enéas Pinheiro s/n-
mrco@cpatu.embrapa.br

Os eqüinos pertencem ao Reino Animalia, Filo Chordata, Classe Mammalia. De acordo com Getty (1981) a posição dos cavalos na classificação dos mamíferos, é a seguinte:

Subclasse: Theria, Infraclasse: Eutheria, Ordem: Perissodactyla,
Subordem: Hippomorpha, Família: Equidae, Gênero: *Equus*

A irradiação dos eqüídeos teve início no médio Mioceno. Entretanto, o primeiro registro fóssil relacionado aos eqüídeos foi o *Hyracotherium*, no início do Eoceno. Esse animal apresentava diferenças tanto morfológicas quanto no hábito alimentar dos cavalos atuais, pois se alimentava apenas de brotos das pastagens (MACFADDEN & HUBBERT, 1988). A partir do seu ancestral, o cavalo tem sofrido uma evolução gradual, através de milhões de anos, até chegar ao padrão que conhecemos em nossos dias (STAHL, 1985).

O cavalo *Eohippus*, considerado o ancestral mais antigo, viveu no Eoceno há aproximadamente 50 milhões de anos. Era um animal com cerca de 45 cm de comprimento e 30 cm de altura, assemelhando-se a uma raposa (BECK, 1989).

Por tais características, esse animal foi inicialmente domesticado para consumo de sua carne e couro, pois eram pequenos demais para serem montados (MARIANTE & CAVALCANTE, 2000).

Através da história, o cavalo deixou sua marca registrada de um animal selvagem, um verdadeiro símbolo de liberdade, utilizado pelo homem primitivo como fonte de alimento. Após a sua domesticação passou a ser figura central nas atividades relacionadas às artes, poesia, escultura, guerra, transporte, lazer e esporte. Portanto, esses animais têm importância tanto sócio-cultural como econômica, pois se prestam ao desenvolvimento de trabalho de tração dentre outros (TORRES & JARDIM, 1992).

Há duas hipóteses para a formação da espécie eqüina. A primeira é que eles seriam originários de cavalos da Ásia Central, a segunda, de animais da América Setentrional, de onde emigraram para a Ásia, quando o Alasca ainda era ligado àquele continente pelo estreito de Bering (TEIXEIRA, 1995). Da Ásia se espalharam para a Europa e África. Alguns autores defendem apenas a última versão, na qual os primeiros passos da história evolutiva eqüina, que culminou no *Equus caballus*, deram-se em solo americano. Segundo Beck (1989), evidências fósseis do mais antigo animal aceito como primeiro ancestral do cavalo foram encontradas na América do Norte. Por motivos desconhecidos, desapareceu totalmente da América durante a era Quaternária, surgindo novamente após a colonização do novo continente.

No Brasil, os primeiros eqüinos chegaram com as introduções nas capitanias hereditárias com Martín Afonso de Souza, em 1534, na capitania de São Vicente, com animais da ilha da Madeira, Duarte Coelho, em 1535, na

capitania de Pernambuco e Tomé de Souza, em 1549, na capitania da Bahia, com animais trazidos de Cabo Verde (TORRES & JARDIM, 1977), não existindo até então nenhuma espécie de eqüídeo no continente brasileiro.

A princípio, devido ao reduzido desenvolvimento na produção de éguas e cavalos na costa de Brasil, o que mantinha seus preços internos muito altos, os eqüinos existentes nas capitanias provinham, em geral, de Cabo Verde (GÂNDAVO, 1826). De acordo com Cardim (2000), os resultados positivos obtidos posteriormente com a cria cavalar em terras brasileiras propiciaram inclusive a exportação de cavalos à Angola. O desenvolvimento do gado bovino, cavalar e lanar foi impressionante desde o México setentrional até o Pampa argentino. Sua multiplicação e expansão se deram devido, em grande parte, aos animais abandonados ou perdidos (que logo foram denominados segundo cada região), cuja progressiva adaptação ao meio os tornava cada vez mais resistentes e ágeis pela seleção natural (VIVES, 1977).

Dos vários tipos de animais domésticos que se introduziram no Brasil, os cavalos tiveram um desenvolvimento muito grande na Bahia, e desde 1580 já existia um comércio muito expressivo de cavalos da Bahia a Pernambuco. No sertão o cavalo se converteu em um meio de vida sendo utilizado também, embora raramente, nos engenhos de açúcar (BETHELL, 1990).

A importação dos eqüinos para a ilha de Marajó data de 300 anos, quando os primeiros lotes de cavalos foram trazidos de Cabo Verde, por volta de 1702, por colonizadores portugueses. Depois ocorreu uma grande miscigenação entre os cavalos das raças Árabe, Alter e outras raças da Península Ibérica, originando a raça Marajoara (MARQUES *et al.*, 2001).

Os cavalos da Península Ibérica

Segundo relatos de Sereno (2002) apud Castejón (1953), a população hípica da Península Ibérica é constituída de três grandes tipos cavалares: o pequeno cavalo Cantábrico que atualmente povoa densamente todo o norte peninsular adaptado à vida de monte ou cordilheira, pertencente ao genótipo *Equus gracilis* Ewart.; o cavalo Castellano semelhante genotipicamente a Tarpán que produziu os atuais cavalos indígenas com genótipo *Equus gmelini* Antonius; e o cavalo Andaluz ou Andaluz-levantino com origem africana e com relação filogenética com o *Equus przewalsky*.

Desde os tempos mais remotos existiram na Península Ibérica três tipos de cavalos: um pônei de perfil reto ou côncavo, de pequena estatura que normalmente não se monta e outro que pode ser encontrado em zonas frias e de montanha e um cavalo maior, de perfil convexo que pode ser montado e se encontra nas planícies secas e quentes do sudoeste, considerado o mais antigo cavalo de sela do mundo (LOCH, 1986).

Esse mesmo autor, citado por Sereno (2002), relata que os cavalos Ibéricos também chamados Andaluz, Espanhol, Cartujano, Lusitano, Português, Alter, Real e Peninsular, pertencem à mesma raça e os distintos nomes surgiram principalmente em função da região geográfica em que eram criados. O cavalo Lusitano, no passado era idêntico ao Espanhol-Andaluz, ambo, possuindo, ambos, a mesma genética e evolução. As diferenças que existem na atualidade entre as duas raças são resultado dos cruzamentos seletivos ocorrido em ambas. A

associação de Criadores do Cavalo Espanhol implantou em 1912 o livro genealógico da raça, chamada atualmente Pura Raça Espanhola (PRE).

Segundo Interagro (1992) o livro genealógico do cavalo Lusitano Português foi oficialmente introduzido em 1967 pela Associação Portuguesa de Criadores do Cavalo Lusitano.

Em princípios do século XVI, a maior parte dos estados europeus apresentava fronteiras bem definidas e, na Península Ibérica daquela época, se utilizava o cavalo e o asno no transporte de mercadorias e pessoas. A quantidade de carroças indicava quando se tratava de viagens de grandes senhores ou de gente comum. O cavalo também era imprescindível para a guerra como arma de cavalaria e as carretas puxadas por cavalos serviam de transporte nos exércitos, assim podiam alcançar preços muito altos (ÁLVAREZ, 1996).

Na Península Ibérica havia intensas relações mercantis e segundo Aguiar (1880) os dados da balança comercial de 1874, entre Espanha e Portugal, já mostravam um grande número de mercadorias importadas e exportadas, observando-se fluxo de compra de animais de origem cavalari, muar, bovina, caprina e suína.

A diferenciação entre o cavalo lusitano e o espanhol começou no início do século XVII com a introdução do torei com cavalo na Espanha, o que forçou a introdução de um novo processo de seleção na cria de eqüinos com enfoque na seleção de um cavalo de esporte e exuberante nos movimentos. (INTERAGRO, 1992).

O cavalo marajoara e o mini cavalo puruca

O cavalo Marajoara foi introduzido, inicialmente, em Belém-Pará. Porém, em virtude da alta prolificidade, juntamente com os bovinos, devastadores das rocinhas de Belém, tornou-se necessária à trasladação desses animais para a ilha Grande Joanes, atualmente Marajó.

Segundo relatos históricos, os primeiros cavalos introduzidos no Marajó são de procedência lusitana. Após a sua introdução, foram submetidos às mais adversas condições de um ecossistema totalmente diferente do seu continente de origem (TEIXEIRA, 1995). Segundo este mesmo autor, foi nessa região de grande adversidade do ecossistema, porém, compensado pela ocorrência de farta variedade de pastagens nativas, que o cavalo Marajoara, originário do cruzamento de várias raças, desenvolveu características bem definidas, como a rusticidade, força, resistência, adaptação ao meio e ao trabalho no campo.

O rebanho cavalariço marajoara adquiriu uma aclimação completa, vencendo obstáculos e tirando proveito do ecossistema da região, chegando a possuir, há cerca de 150 anos uma população estimada em um milhão de cabeças. O aumento demasiado da população de cavalares, devorando as pastagens, que não mais cresciam o suficiente para o uso dos bovinos, fez com que se procedessem abates de éguas, das quais aproveitavam-se as peles e as crinas. Assim, somando o sacrifício das matanças deliberadas à devastação causada pela epizootia, a população equídea do Marajó sofreu uma redução considerável (TEIXEIRA, 1995). O efetivo atual está em torno de 150.000 cabeças, a grande maioria mestiçada com outras raças (MARQUES *et al.*, 2001).

De acordo com relatos dos fundadores da Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos da Raça Marajoara - ABCCRM, fundada em 1979, dada a importância desses animais, quando o exército precisou de cavalos para sela, fundou um núcleo de reprodução em Soure-PA e outro em Cachoeira do Arari-PA, introduzindo uma estação de monta, trazendo cavalo Árabe e Anglo-árabe para cruzamentos.

Pode-se inferir, portanto, que o cavalo Marajoara é o resultado do cruzamentos entre as raças Árabe e Anglo-Árabe, desenvolvendo, ao longo dos anos, um ecotipo próprio que culminou com o estabelecimento de um padrão racial específico. No entanto, as características atuais, demonstram que o cavalo Marajoara está em processo de descaracterização, principalmente pelos cruzamentos indiscriminados que ocorreram com outras raças como Mangalarga, Quarto de Milha, e outras, alterando o padrão do cavalo Marajoara.

Atualmente, não há muitos machos e fêmeas padronizados dentro das características do cavalo Marajoara original, conforme o padrão estabelecido pela ABCCRM .

Pelas aptidões desenvolvidas, como grande resistência, velocidade a galopes curtos, rusticidade e versatilidade, o Marajoara mesmo com o advento das máquinas, ainda é indispensável para suprir as necessidades de tração (de carroças) de trabalhos rotineiros das fazendas regionais, com baixo custo operacional, revelando condições de suportar intensos trabalhos. O cavalo Marajoara é de fundamental importância para a pecuária, no manejo quase sempre extensivo de bubalinos e bovinos. Apresenta também um comportamento

enérgico, vivo, ativo e dócil, com perfil adequado para novas atividades como turismo.

Por sua vez, o mini-cavalo Puruca é o resultado de cruzamentos do cavalo Marajoara com pôneis da raça “Shetland”, de origem inglesa, vindos da França na penúltima década do século XIX. Esse animal desenvolveu, também, adaptação ao ambiente adverso, fixando características de força e rusticidade, tornando-se indispensável nas atividades pecuárias do arquipélago. Desses cruzamentos foram selecionados animais, cuja principal característica era a altura padrão de, no máximo, 1,18 m (TEIXEIRA,1995), formando-se, desse modo, um plantel considerável que levou à formação de uma Associação própria.

Segundo a Associação Brasileira dos Criadores de Puruca-ABCP, fundada em 1986, a raça Puruca possui características morfológicas que o diferenciam de outros eqüinos. Apresenta temperamento enérgico, vivo, ativo e dócil, com o andamento na forma de trote.

Padrão da raça Marajoara

O padrão da raça do cavalo Marajoara (Figura 01), segundo a ABCCRM,



ainda é provisório, e leva em consideração: aparência geral, cabeça e pescoço, tronco, membros, andamento e defeitos desclassificantes.

Figura 1 - Reprodutor da raça Marajoara.

a) Aparência geral:

Pelagem: Qualquer pelagem, exceto Pampa e Albina;

Altura: Mínima de 1,35 m e máxima de 1,56 m para os machos e mínima de 1,30 m e máxima de 1,50 m para as fêmeas;

Forma: Porte médio bem proporcionado e musculatura definida;

Constituição: Forte;

Temperamento: Enérgico, vivo e ativo;

Aptidão: Cavalos de serviço.

b) Cabeça e Pescoço:

Cabeça: Harmônica em relação ao pescoço de tamanho moderado;

Perfil: Sub-convexo, com tendência ao retilíneo;

Olhos: Vivos e expressivos;

Orelhas: Proporcionais, medianas e bem implantadas;

Lábios: Móveis, finos, firmes e justapostos;

Narinas: Grandes e flexíveis;

Pescoço: Comprimento médio, inserção bem definida.

c) Tronco:

Cernelha: Bem definida e bem implantada;

Peito: Profundo e amplo;

Costelas: Arqueadas, conferindo boa amplitude torácica;

Tórax: Amplo e profundo;

Dorso: Curto proporcional;

Garupa: Harmoniosamente inserida na região lombar e suavemente inclinada, de comprimento médio e de altura superior a cernelha;

Ancas: Suavemente inclinada;

Cauda: De boa inserção, bem implantada e dirigida;

Órgãos genitais: Externos, bem conformados.

d) Membros:

Espádua: Bem pronunciada e oblíquas;

Braços: Médios e de boa cobertura muscular;

Antebraço: De comprimento médio e musculoso;

Joelhos: Retos e bem suportados;

Coxas: Musculosas;

Jarretes: Secos e lisos;

Canelas: Secas;

Boleto: Definido e bem suportado;

Quartelas: Médias e fortes;

Cascos: Médios, arredondados, de preferência pretos.

e) Andamento:

Trote em todas as modalidades, andamento com apoio, bipedal diagonalizado

f) Defeitos desclassificantes:

Perfil: Excessivamente convexilíneo;

Pelagem: Albina e Pampa;

Orelhas: Mal implantadas ou mal dirigidas;

Lábios: Com relaxamento, caídos;

Andamento: Qualquer outro que não seja o trote em todas as modalidades.

Padrão da raça Puruca.

O padrão desta raça estabelecido pela ABCP (Figura 2) ainda é provisório, dividido em aparência geral, cabeça e pescoço, tronco, membros, andamento, defeitos permissíveis e desclassificantes.

a) Aparência geral:

Pelagem: Qualquer pelagem exceto albina e pampa;

Altura: Entre 1,10 m e 1,18 m para os machos e entre 1,00 m e 1,16 m para as fêmeas;

Forma: Porte pequeno, bem proporcionado e com musculatura bem definida, principalmente a espádua;

Constituição: Forte;

Temperamento: Enérgico, vivo, ativo e dócil;

Aptidão: Serviço e passeio;

Andamento: Trote.

b) Cabeça e Pescoço:

Cabeça: Harmônica em relação ao pescoço, tamanho moderado, larga, aparência seca e bem implantada;

Perfil: Convexilíneo com tendência ao retilíneo;

Olhos: Grandes, vivos e expressivos;

Orelhas: Tamanho proporcional, pequenas à medianas e bem implantadas;

Lábios: Móveis, finos, firmes e justapostos;

Pescoço: Comprimento mediano, musculoso, bem inserido, piramidal e na base superior arredondada;

Crina: Abundante e larga.

c) Tronco:

Cernelha: Baixa, bem implantada, com altura não superior a da garupa;

Peito: Profundo e largo;

Costelas: Arqueadas, proporcionando boa amplitude torácica;

Tórax: Largo e profundo;

Dorso-lombo: Firme, curto, proporcional e bem sustentado;

Garupa: Longa, larga sem proeminência no sacro, boa cobertura muscular, harmoniosamente inserida na região lombar, suavemente inclinada e de altura inferior a cernelha;

Ancas: Suavemente inclinadas;

Cauda: De inserção baixa, bem inserida e dirigida, larga na sua base, com pêlos

abundantes;

Órgãos genitais: Bem definidos e bem conformados.

d) Membros:

Espáduas: Bem pronunciadas, fortes, musculosas e oblíquas;

Braços: Pequenos, bem articulados e de boa cobertura muscular;

Antebraços: Pequenos e musculosos;

Coxas: Musculosas;

Jarretes: Secos e lisos;

Canelas: Secas, retas descarnadas, com tendões fortes;

Boletos: Definidos e bem articulados;

Quartelas: Pequenas e bem suportadas;

Cascos: Pequenos, arredondados, sólidos, fortes, não encastelados e de preferência escuros.

e) Andamentos:

Trote em todas as suas modalidades, andamento com apoio bipedal diagonalizado.

f) Defeitos permissíveis:

Cascos: Rajados ou brancos;

Cernelhas: Altura levemente superior a altura da garupa;

Garupa: Altura levemente superior a altura da cernelha.

g) Defeitos desclassificantes:

Temperamento: Vícios considerados graves e transmissíveis;

Orelhas: Mal dirigidas (acabanadas);

Perfil: Excessivamente convexilíneo;

Lábios: Com relaxamento de suas comissuras (belfo);

Dorso- lombo: Concavilíneo (lordose, selado), convexilíneo (cifose, dorso de carpa) e de desvio lateral da coluna (escoliose);

Garupa: Demasiadamente inclinada (derreada, caída), mais alta do que a altura da cernelha, tolerando uma diferença de até 2,0 cm nas fêmeas;

Membros: Taras ósseas congênicas ou hereditárias e de defeitos graves de aprumo;

Aparelho genital: Anorquidia (roncolho), criptorquidia (1 ou 2 testículos retidos na cavidade abdominal), anomalias congênicas do sistema genital;

Pelagem: Albina ou pampa;

Altura: Acima ou abaixo do limite permitido.



Figura 2 - Mini cavalo da raça Puruca..

Referências Bibliográficas

AGUIAR, M. M. P. **Estudios acerca de las relaciones mercantiles entre España y Portugal**. Cadiz: Imprenta Ibérica, 1880. 112p.

ÁLVAREZ, M. F. **El siglo XVI. Economía. Sociedad. Instituciones**. Madrid: Ed. Espasa Calpe, 1996. 749p.

BECK, S. L. **Eqüinos: raças, manejo e equitação**. 2. ed. São Paulo: Criadores. 1989. p. 397- 402.

BETHELL, L. **Historia de América Latina**. V. 3. América Latina colonial: economía. Barcelona: Crítica, 1990. 416p.

CARDIM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000. 337p.

CASTEJÓN, R. Razas primitivas caballares de la Península Ibérica. **Archivos de Zootecnia**, v. 2, n. 5, p. 3-10, 1953.

GÂNDAVO, P. M. **Tratado de terra do Brasil**. In: Coleção de noticias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses, ou lhes são vizinhos. Academia Real das Ciências de Lisboa, Tomo IV, n. IV, 1826.

GETTY, R. **Anatomia dos animais domésticos**, SISSON & GROSSMANN. V.1 e 2. Rio de Janeiro: Interamericana, 5.1981.

INTERAGRO LUSITANOS. **O cavalo Lusitano**. Ed. Interagro. 1992
<http://www.lusitano-interagro.com>

MACFADDEN, B.J.; HUBBERT,R.C.: Explosive speciation at the base of the adaptive radiation of Miocene grazing horses. *Nature*,336: 466-68.1988.

MARQUES, J. R. F. M; COSTA, M. R; SILVA, A. O. A. da. Banco de Recursos Genéticos Animais. **Biotecnologia Ciência e Desenvolvimento**. v. 21, p. 32-39, 2001.

MARIANTE, A. S.; CAVALCANTE, N. **Animais do descobrimento: raças domésticas da História do Brasil**. Brasília: Embrapa Sede. Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2000.

SERENO, F. T. P. S. **Caracterización genética del caballo pantaneiro**. Tese de doutorado. Faculdade de veterinária. Universidade de Córdoba, 2002. 126 p.

STAHL, B. J. **Vertebrate history problems in evolution**. New York: Dover Publications, p. 503. 1985.

TEIXEIRA, J. C. Condicionamentos históricos e ecológicos do Cavalo marajoara. **O Cavalo marajoara**, n. 12, p. 13, 1995b.

TORRES, A. P.; JARDIM, W. R. **Criação do cavalo e de outros eqüinos**. 3 ed. São Paulo: Nobel, 654 p.1992.

TORRES, A. D. P.; JARDIM, W. R. **Criação do cavalo e de outros eqüinos**. São Paulo: Ed. Nobel. 1977. 654p.

VIVES, J. V. **Historia social y economica de España y América**. Barcelona: Vicens-Vives, Barcelona. 1977. 584p.

LOCH, S. **The royal horse of Europe. The story of the Andalusian and Lusitano**. London: Ed. J. A. Allen, 1986. 266 p.